

Teatro da MOCIDADE

INFANTIL



DUARTE N. de FIGUEIREDO

João
Mandrião

P R Ó L O G O

CENÁRIO

Após as três pancadas sobe o pano devagar. À boca de cena uma cortina fechada serve de fundo a um espaço onde se encontra um frade.

=====

FRADE -Meus senhores... (Profunda reverência) Desejo-lhes santas tardes. Estais vós sentados neste teatro, para assistirdes a uma representação teatral. Uma comédia qualquer, que vos não dará proveito. Coisa essa, bem penosa para um frade capelão, como eu. Assim não deve ser. Deste jeito resolvo eu a questão. Nada de farsas sem lei, mas sim, sorrisos de fé. É como é. Resolvi a meu bom intento mudar o programa. Ides ver coisa de fama. Uma peça original, alegre mas sem ter mal, com sua moral no fim. Por como for, esta é melhor. Imaginai uma aldeia muitos anos recuada. É uma aldeia atrasada. Boa gente vive nela. Trabalho é o seu pão, e lá ninguém falta ao trabalho, todos lhe dão a razão: o moleiro, o ferreiro, o carpinteiro, enfim... toda a população... toda é como quem diz. (Suspiro) Que o João Sapateiro não faz em todo o ano. É um desgosto profundo, que ele causa a todo o mundo da aldeia, que tem veia de trabalho.

A C T O Ú N I C O

CENÁRIO:

Abrem-se as cortinas. A cena representa uma cozinha de aldeia. A lareira ao fundo, uma porta, uma janela alta donde se avista o casario. Duas cadeiras onde as aranhas tecem rendas, uma banca de sapateiro e João Mandrião dormindo a sono solto com a cabeça encostada à banca, junto da qual botas de solas rotas esperam que as concertem. Uma tabuleta diz-nos: "Sapateiro".

Batem à porta, repetidas pancadas. Repetem.

João move-se com bocejos de preguiça

JOÃO - (Acordando a espreguiçar-se) Hummmm.. quem bate?

CRIADO - (De fora) Abra sr. João!

JOÃO - Que manda V.M.?

CRIADO - Sou criado do cirurgião. Ora abra por favor.

JOÃO - (Bocejando) Ora esta. Acordar-me a esta hora. Estava no primeiro sono, e acordando perco logo o apetite.

(Pancadas na porta) Já lá vou. Vou aqui.

(Abre a porta) Que deseja? Ora entre.

CRIADO - Bom-dia sr. João!

JOÃO - (Boceja) Nada bom. Já perdi o apetite. Diga o que quer.

CRIADO - Meu amo, o cirurgião, manda-lhe perguntar se já estão prontas as botas para ele ir à caça.

- JOÃO - Foi por isso que me acordou? Mas que grande criminoso! Saia já da minha vista. Vir interromper o meu sono, por causa dumas insignificantes botas! (Boceja)
- CRIADO - O quê? Insignificantes botas! ? Botas do meu amo!
- JOÃO - (Boceja) Já não consigo dormir!
- CRIADO - Tem de compor as botas! Senão... meto-o em justiça! Já se viu isto? Ah não!
- JOÃO - Não me interessam as botas. Deixem-me dormir! Por causa dumas botas é preciso tanto barulho! Leve as botas, vá-se embora.
- CRIADO - Assim? Depois de você as ter esquartejado? Sem solas? Oh! Não! Isto não fica assim. Vou daqui ao regedor. Sapa teiro duma figa! (Sai)
- JOÃO - Botas! Regedor! Deixem-me em paz. (Boceja) Se é preciso tanto chinfrim por causa dumas botas. Botas.. há muitas. Bem. Vejamos se consigo adormecer. Vou sonhar com um colchão de penas. (Adormece encostado à banca).
- CIRURGIÃO - (Entrando acompanhado do regedor, criado e dois soldados. Grande exaltação.) Ei-lo aqui. Vejam como dorme e como infringe o seu dever. Ofendeu as minhas botas. Umas botas que me custaram uma bolsa de dinheiro na melhor loja da cidade. Ofendeu-me a mim que sou o dono e senhor das melhores botas dos arredores. Que seja processado! Que seja processado!
- REGEDOR - (De lunetas, observando) Calma! Calma! Vejamos a situação. Hum! O rapaz não é coisa inteligente. Poderia ter-se deitado na cama, e escusava de estar de costelas enfeixadas no sobrado que é duro. E a banca servindo de travesseiro também não é melhor ideia.